

## PADRÕES DE USO DA EXPRESSÃO *SEI LÁ* NO PORTUGUÊS

---

MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA\*

LEONARDO PEREIRA DOS SANTOS\*\*

---

### RESUMO

Com base na perspectiva da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2008; NOËL, 2007), este artigo trata dos padrões de uso da expressão *sei lá* verificados em textos falados por estudantes brasileiros: como modalizador e como marcador discursivo. A partir da aplicação de seis fatores aos dados de pesquisa, é possível constatar que a função modalizadora situa-se em *cline* menos avançado de gramaticalização face à função marcadora, bem como detectar que fatores de ordem metonímica, no nível interno da expressão e dos contextos maiores de sua ocorrência (gênero textual e sequência tipológica), motivam os padrões funcionais em que se articula *sei lá*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sei lá, gramaticalização, construção, morfossintaxe, funcionalismo.

---

### INTRODUÇÃO

Neste artigo, dedicamo-nos ao levantamento, à descrição e à análise dos padrões funcionais de *sei lá*, uma das mais usadas expressões no português contemporâneo do Brasil, notadamente em situações informais ou distensas. Para tanto, tomamos como suporte teórico o funcionalismo linguístico, na linha de Heine e Kuteva (2007), Traugott e Dasher (2005), Bybee (2010), entre outros, aliado às contribuições da abordagem construcional, conforme Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Assim caracterizado, este estudo filia-se a uma vertente atual da pesquisa linguística nacional, voltada para gramaticalização de construções.<sup>1</sup> Nossa investigação faz parte ainda de projeto maior,

---

\* Universidade Federal Fluminense/CNPq; Niterói; Doutora em Letras Vernáculas – língua portuguesa; professora associada III.

E-mail: mariangela.rios@terra.com.br

\*\* Universidade Federal Fluminense; Niterói; Pibic/CNPq.

E-mail: leonardo.uff@terra.com.br

com foco nas construções nominais e verbais em torno de pronomes locativos, desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (D&G),<sup>2</sup> [...] conforme se encontra em Aguiar (2010), Teixeira (2010), Teixeira e Oliveira (2010) e Rocha (2011).

Partimos da hipótese de que a expressão *sei lá* é resultante de um processo de gramaticalização, no qual seus constituintes internos, a forma verbal cognitiva (*sei*) e o pronome locativo (*lá*), compõem uma unidade de nível superior, um todo de sentido e forma que passa a assumir funções no nível pragmático-discursivo. Dessas funções, destacam-se duas – a de modalização e a de marcação discursiva. Assumimos ainda que as duas funções situam-se num *cline* de gramaticalização, no qual a função modalizadora antecede a de marcação na unidirecionalidade da mudança linguística. Trata-se, portanto, da migração do nível do léxico ao do plano da gramática, num processo em que a função de *sei lá* não pode mais ser apreendida pela mera soma de suas unidades, mas sim pelo modo com que se organiza internamente e se articula, metonimicamente, nos contextos de sua ocorrência, com vistas ao atingimento de propósitos comunicativos para além da referência lexical de seus elementos internos. Estamos nos referindo a usos como o apresentado em (1):

(1) *porque o pessoal daqui... sei lá... eles são muito estranhos... fofoqueiros... então:: não é boa influência... aí... eu vou pra lá... o pessoal de lá é legal a beça... e:: lá... sei lá... é um lugar assim mais arejado... mais fresco...*

No fragmento acima, a expressão *sei lá* é usada em duas ocasiões, no relato de opinião falado por um estudante carioca. O aluno, ao contrapor dois grupos – *o pessoal daqui* (de sua escola) e *o pessoal de lá* (de sua rua), usa *sei lá* para articular seus comentários avaliativos, modalizando esta avaliação de forma a atenuar os referidos comentários.

Para atingir nossos objetivos, usamos como *corpora* o banco de dados *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita no Brasil*,<sup>3</sup> num viés analítico que compatibiliza a perspectiva quantitativa e qualitativa. Controlamos variáveis capazes de nos fornecer pistas para a detecção das tendências de uso da expressão pesquisada pela comunidade estudantil brasileira.

O artigo encontra-se dividido, além da introdução e das considerações finais, em três seções maiores. Na primeira, apresentamos as duas

perspectivas teóricas que fundamentam nossa análise – o funcionalismo linguístico e a abordagem construcional, na demonstração dos pontos de interseção ou de confluência das duas perspectivas. Na segunda seção, caracterizamos as fontes pesquisadas e nos referimos aos procedimentos de tratamento dos dados, com foco nos aspectos quantitativos e qualitativos da pesquisa. Na terceira, dedicamo-nos aos resultados do levantamento dos dados e à sua análise interpretativa na testagem da hipótese de trabalho e no atingimento dos objetivos propostos.

#### GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES

Para a pesquisa da expressão *sei lá*, partimos da definição de gramaticalização como apresentada por Heine e Kuteva (2006, p. 332), que se consubstancia num processo que conduz do léxico à gramática ou do menos para o mais gramatical. Ainda segundo os mesmos autores, formas ou expressões que se gramaticalizam são afetadas, em menor ou maior grau, por quatro fenômenos: extensão ou generalização de uso, dessemantização ou *desbotamento* de sentido, decategorização ou migração de classe e erosão fonética.

No funcionalismo linguístico, torna-se recorrente a associação do processo de gramaticalização à fixação de padrões convencionais de uso. A proposta de que a mudança categorial tem a ver não somente com um determinado constituinte, mas com seu entorno, com os demais elementos associados a este constituinte, vem ganhando cada vez mais força. Encontramos em Bybee, Perkins e Pagliucca (1994, p. 11) que “é a construção inteira, e não simplesmente o significado lexical do ponto principal, que é o precursor, e, portanto, a fonte, do significado gramatical”. Já em Bybee (2003, p. 146), destaca-se que

se a gramaticalização é a criação de novas construções (e seus desdobramentos futuros), então também podem ser aí incluídos casos de mudança que não envolvem morfemas específicos, como a criação de padrões de ordem de palavra. (BYBEE, 2003, p. 146; tradução nossa)

As declarações acima ratificam outras menções, como a de Lehmann (1989; 2002), para quem a pesquisa da gramaticalização deve

levar em conta não somente um termo particular, mas a construção formada por relações sintagmáticas do termo em questão. Também Haspelmath (2004), na mesma linha, declara que a gramaticalização é um fenômeno em macronível, assim, não pode ser reduzido a propriedades de correspondências de fenômenos de micronível.

A defesa de importância das relações sintagmáticas para o processo de gramaticalização ganha força com Traugott e Dasher (2005), que assumem a dimensão metonímica como fundamental para a trajetória da mudança linguística e da convencionalização de padrões de uso. Na perspectiva das autoras (2005, p. 29), por nós também aqui assumida, a metaforização passa a ser entendida como consequente das relações metonímicas, ou seja, a derivação de sentido ocorre por força da pressão de contextos de uso específicos, da motivação pragmática das relações interacionais que orientam os fenômenos associativos na ordem linear dos constituintes. Trata-se da atuação da *inferência sugerida* (2005, p. 44), pressuposto segundo o qual os sentidos na interação são derivados de combinações semânticas no contexto discursivo, envolvendo vários constituintes, em determinados padrões construcionais aí articulados. Nessa negociação, entram em cena os propósitos comunicativos do emissor, seus anseios, no âmbito das estratégias de *subjetificação*, e a orientação para o receptor, no nível da negociação dos sentidos e da ação sobre o interlocutor, no nível da *intersubjetificação*. Para Traugott (2008), *sei lá* se classifica como um tipo de microconstrução, um pareamento de extensão menor que integra e concorre na configuração de outros em nível maior – meso ou macroconstruções.

Ao assumirmos que *sei lá* se gramaticaliza no português, na formação de um todo de sentido e forma, em contextos específicos, aproximamo-nos das concepções funcionalistas aqui apresentadas. Essa aproximação, de outra parte, tem na abordagem construcional, de orientação cognitivista, forte influência. Partindo-se da definição de construção como uma instância gramatical de sentido e forma indecomponíveis, altamente convencionalizados na formação de um todo, conforme Goldberg (1995; 2006), podemos considerar que a expressão *sei lá* constitui a atualização de um padrão construcional do tipo Vb + locativo. Na expressão assim formada, o constituinte verbal *sei* unido ao pronome locativo *lá* compõem uma só unidade cujo sentido não pode ser traduzido na fórmula *sei + lá*, mas sim apreendido

nos contextos pragmático-discursivos de sua ocorrência, tal como o exemplo (1) apresentado na seção anterior.

De acordo com Croft (2001), a expressão *sei lá* pode ser descrita como um pareamento de forma e sentido, simbolicamente unidos. No primeiro eixo, o formal, descrevemos a expressão como constituída pelo elemento verbal *sei*, destituído de complemento, no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular, seguido pelo pronome locativo *lá*, apontando para espaço mais distante do emissor. No eixo do sentido, a expressão pode ser descrita assim: a) em termos semânticos mais estritos, como a combinação da forma verbal cognitiva *sei* e do pronome de granularidade vasta *lá*;<sup>5</sup> b) no nível pragmático, *sei lá* articula sentido vago, impreciso ou mesmo negativo; c) no âmbito textual mais amplo, ligado à esfera discursiva, *sei lá* pode atuar basicamente com duas funções mais gerais: como modalizador, na atenuação do tom opinativo do emissor, que assim preserva sua face diante da opinião emitida, e como marcador discursivo, numa esfera mais avançada de gramaticalização, na qual se registram algumas subfunções, como a de hesitação ou correção. Apresentamos a seguir dados ilustrativos das duas funções aludidas – a de modalização (2) e a de marcação discursiva (3), extraídos no *Corpus D&G*:

(2) *o casamento não é indissolúvel ... também não acredito nisso ... existem incompati/ incompatibilidades e ... se elas forem ao ponto de uma não ... é ... de uma não convivência ... sei lá de um ... de uma incompreensão geral em todos os âmbitos mas existe ... toda relação tem dificuldades e elas devem ser superadas no convívio*

(3) *pra falar a verdade... o lugar que eu mais gosto de ficar é o banheiro da minha casa... ((riso de E)) é... olha... quando você está... sei lá... quando eu estou triste assim... eu vou pro banheiro... fecho a porta... é o único lugar que tem chave... então... bom... o banheiro é pequeno... é estreito...*

Em (2), o emissor comenta o casamento, na defesa de seu ponto de vista; para tanto, usa *sei lá* a fim de precisar a *não convivência* como *incompreensão geral em todos os âmbitos* de modo a modalizar seu discurso, na menor adesão ou comprometimento com tal precisão de sentido. Já em (3), a expressão *sei lá* é usada na marcação de uma reorientação do emissor, que muda sua declaração inicial de *quando*

*você está* para *quando eu estou*, chamando para si o foco da justificativa para ter apontado o banheiro como local preferido de sua casa.

Como podemos observar, em (2), o *sei lá* ainda se encontra, semântica e sintaticamente, mais integrado ao contexto da sequência maior que integra, ao passo que, em (3), atua de modo mais “descolado”, como uma estratégia de marcação do discurso. Em ambos os usos, a expressão constituiu, nos termos de Noël (2007), o resultado da migração da associação primária de um sentido com uma configuração morfossintática particular (*esquematização*) para uma nova configuração mais gramatical (*gramaticalização*). Na proposição desse *cline*, a função de marcação discursiva situa-se em ponto mais avançado, como categoria mais gramatical, em relação à modalização. Como destaca o autor, embora não seja possível precisar onde se inicia a gramaticalização de uma esquematização, é preciso levar em conta os dois processos, que podem ser vistos como instâncias prototípicas.

#### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a análise proposta, levantamos exaustivamente a expressão *sei lá* no *Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita no Brasil*, uma fonte documental que registra depoimentos da comunidade estudantil de cinco cidades brasileiras, coletados no final do século XX: Rio de Janeiro (RJ), Natal (RN), Rio Grande (RS), Juiz de Fora (MG) e Niterói (RJ). Nessas cidades, foram entrevistados estudantes, distribuídos equilibradamente por sexo masculino e feminino, dos seguintes segmentos escolares: classe de alfabetização, primeiro e segundo segmento do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Na cidade do Rio de Janeiro, por sua dimensão populacional, foram coletados depoimentos de 93 alunos; em Natal, Niterói e Juiz de Fora, foram entrevistados 20 estudantes de cada cidade; em Rio Grande, foram 19 alunos.

Partimos do levantamento exaustivo dos textos falados, e seus correspondentes escritos, divididos em cinco tipos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de procedimento, descrição de lugar e relato de opinião. Inicialmente os alunos forneciam os depoimentos falados para, em seguida, elaborar a produção escrita correspondente. Assim, cada aluno produziu 10 textos: cinco falados e cinco escritos.

Dessa forma, trabalhamos com dados de 172 alunos, num total de 445.000 palavras. De tal contingente, registramos o uso da expressão *sei lá* por 37 alunos, perfazendo cerca de 21% dos 172 alunos entrevistados. Esses 37 alunos usaram a expressão 116 vezes, número geral de dados com o que trabalhamos na próxima seção, dedicada à análise interpretativa.

Desses 37 informantes, 22 usaram *sei lá* apenas uma vez; esta foi a frequência mais observada. Seis usaram-na duas vezes; dois entrevistados fizeram uso de *sei lá* em três ocasiões; três usaram-na quatro vezes; um informante usou o *sei lá* sete vezes e outro, oito vezes. Dos 37 informantes, houve ainda dois que se destacaram nesse padrão de frequência; são informantes da cidade de Natal que usaram a expressão 10 e 39 vezes, respectivamente. Nesses dois casos de Natal, trata-se de usos da expressão com alta recursividade, no papel de marcador discursivo, o que configura o avançado estágio de gramaticalização assumido por *sei lá*, que é utilizada sem maiores restrições ou previsibilidade, com sentido altamente opaco.

Todos os dados coletados restringem-se aos depoimentos falados; não houve, portanto, registro de *sei lá* em textos escritos do *Corpus D&G*, o que acaba por ratificar que se trata, de fato, de expressão usada mais especificamente em registros menos formais e distensos, em que sobressaem pressões no nível pragmático-discursivo.

Para o tratamento dos 116 dados mencionados, levamos em conta, em dados quantitativos, seis fatores analíticos, selecionados em relação ao que poderiam sinalizar ou apontar acerca da funcionalidade de *sei lá*. Assim, os dados foram distribuídos pelas seguintes variáveis:

- a) Função: papel cumprido pela expressão na tessitura textual, como modalizador ou marcador discursivo.
- b) Localização: ponto de ocorrência da expressão na cláusula – se inicial, medial ou final.
- c) Ocorrência de pausa: verificação de pausa anterior, subsequente ou intercalada ao uso de *sei lá*, ou ainda ausência de pausa.
- d) Tipo textual: o tipo de texto de ocorrência – se narrativa experiencial ou recontada, relato de procedimento ou de opinião, além de descrição de local.
- e) Sequência tipológica: a configuração linguística do fragmento articulado – se injuntiva, descritiva, narrativa ou expositiva.

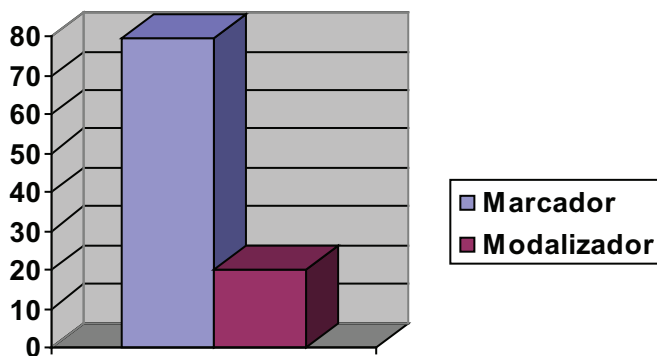
f) Escolaridade: nível escolar do usuário – se classe de alfabetização, primeiro ou segundo segmento do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Ensino Superior.

Assim fixados os parâmetros de pesquisa, dedicamo-nos à descrição e à análise dos resultados, com a finalidade de detectar os padrões de uso de *sei lá* na perspectiva da gramaticalização de construções. Iniciamos pelo fator *função*, passando pelos estruturais e chegando aos pragmático-discursivos.

#### PADRÕES FUNCIONAIS DE *SEI LÁ*

A classificação dos 116 dados de *sei lá*, quanto aos seis fatores eleitos para investigação, traz resultados relevantes para o maior conhecimento da funcionalidade dessa expressão no português contemporâneo do Brasil. Seja em termos específicos, seja combinados entre si, tais fatores apontam a tendência de uso de *sei lá* na comunidade estudantil brasileira.

O primeiro fator apresentado é justamente o tipo de função desempenhada por *sei lá*. Após o levantamento e a análise, chegamos a duas funções mais gerais, nas quais se poderiam agrupar os dados – a de modalização e a de marcação discursiva, como se demonstra pelo gráfico a seguir:



**Gráfico 1: Função de "sei lá"**



O Gráfico 1 aponta a maior tendência de uso de *sei lá* como marcador discursivo. Dos 116 dados, 79,9% funcionam nessa condição, contra 20,1% da função modalizadora. Se considerarmos, como aqui já mencionado, que a marcação discursiva é uma função mais avançada na escala de gramaticalização, em relação à de modalização, então podemos propor, pelo menos em relação ao tipo de fonte documental pesquisada, que os usos de *sei lá* se encontram em adiantado processo de convencionalização nos textos falados por estudantes brasileiros.

Para fins de ilustração desses dois padrões funcionais, os fragmentos (1) e (2), já apresentados, são exemplos do uso como modalizador. Em ambos, os alunos usam *sei lá* na atenuação do nível de comprometimento de sua opinião acerca, respectivamente, dos colegas da escola e do bairro e da instituição *casamento*. Com essa estratégia comunicativa, os locutores *convidam* seus interlocutores a partilharem esse sentido de não adesão explícita aos comentários. Assim, o sentido metafórico da expressão é resultante do próprio ambiente discursivo em que se processa a opinião dos locutores.

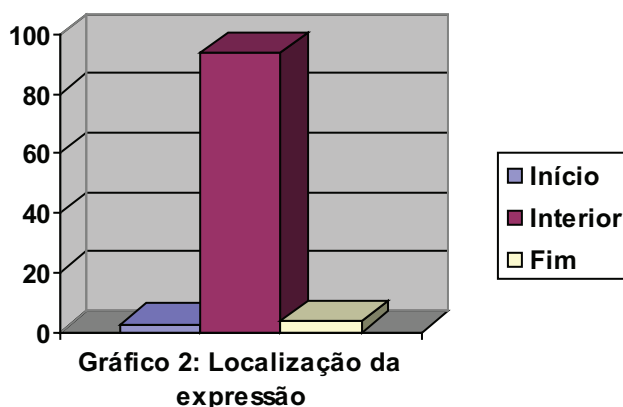
Em relação à função de marcação discursiva, nesse rol se agrupam subfunções, como a de hesitação e de término de enumeração, como ilustramos a seguir:

(4) *no Alecrim ... nas Quintas ... tá na divisa assim na ... no limite do Alecrim com as Quin/ no Alecrim com as Quintas ... tem lá ... é um ... sei lá periferia ... é gente bêbada assim sabe?*

(5) *...todo mundo:: tá todo mundo ligado nisso ... na copa ... nos:: nas novelas ... sei lá ... em todas as coisas eles se apegam ... se desprendem dos problemas...*

Em (4), o locutor hesita em relação à descrição e à caracterização do espaço físico, usando *sei lá* como mais um recurso revelador dessa hesitação. Em (5), o *sei lá* é usado após a sequência enumerativa *na copa ... nos:: nas novelas ...*, numa espécie de função resumitiva e vaga que posteriormente é complementada pela declaração *... em todas as coisas eles se apegam*. Em ambos os contextos, em que pese a distinção funcional referida, é traço comum o *descolamento* semântico-sintático de *sei lá* bem como a falta de maior regularidade e previsibilidade de seu uso, com prevalência da função pragmático-discursiva sobre a sintática. Esses traços confirmam a função marcadora da expressão.

Um dos fatores de ordem estrutural em análise, a localização da expressão, apresentada no Gráfico 2, traz resultados ratificadores dos padrões funcionais ilustrados no Gráfico 1:



Como podemos observar, é sensivelmente maior a ocorrência de *sei lá* no interior da cláusula, em relação às margens esquerda e direita. Dos 116 dados, 93,86% se situam nessa posição majoritária, contra 3,51% na margem direita e 2,63 na margem esquerda. Esses índices têm forte associação com a função de marcação discursiva, destacada no Gráfico 1, uma vez que, nesse padrão de uso, não costumam ocorrer maiores restrições sintáticas; como marcador, *sei lá* perde maior previsibilidade ou regularização de ocorrência, fazendo com que as posições mediais sejam favorecidas. Além desse argumento, podemos propor que o menor *peso* de *sei lá*, cumpridor de funções no nível pragmático-discursivo, despojado de maior referência concreta e usado como estratégia de marcação, concorre para que seja inserido em uma série de comentários de natureza subjetiva, como em:

(6) *botaram o cara no mundo ... o cara nasceu ... aí quando ta/ quando ele fez vinte e ... sei lá quantos anos ... vinte e cinco anos ... sei lá ... vinte e seis ... é vinte e seis anos ... uma coisa assim ... ele tava com a mulher ... três filhos ... um filho ... ele ficou só com a roupa do corpo e na miséria ... ficou pedindo esmolas.*

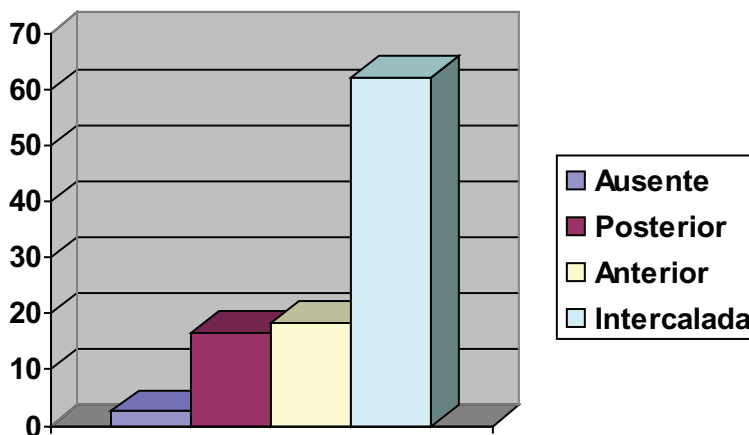
No fragmento (6), *sei lá*, em duas ocorrências mediais, atua como marcador de hesitação. O locutor não sabe ou não tem interesse na precisão da idade do personagem cuja história narra. A expressão *sei lá* concorre para ratificar a marca da indefinição, inserida no complemento verbal.

Os esporádicos dados em que a expressão se situa em posição marginal dizem respeito a usos como modalizador, como a seguir:

(7) *o amigo dele ficou lá desmaiado ... daí chegou outro amigo dele que morava na casa vizinha ... todo maluco com um monte de luz é:: na:: na blusa e:: parece que era um gravador ... sei lá o que tinha na mão ...*

Em (7), a expressão *sei lá* se situa na margem esquerda, numa posição mais típica de elementos de conexão, escopando toda a declaração subsequente. Assim ordenado, *sei lá* marca o descompromisso do locutor com o conhecimento do objeto portado pelo personagem de sua narrativa. Podemos observar ainda que, nesse contexto, a expressão parece mais *pesada* em termos semântico-sintáticos, articulando sentido negativo (concorrendo com *não sei*). Trata-se de argumento a favor da função modalizadora como menos gramaticalizada do que a de marcação discursiva.

Outro fator estrutural testado é a ocorrência de pausa no uso de *sei lá*. Como a pausa constitui quebra de vínculo na perspectiva funcionalista, quanto ao sentido e à forma, consideramos relevante observar como *sei lá* ocorre em termos dessa variável. Os resultados, apresentados no Gráfico 3, ratificam as tendências de uso da expressão:



Nos 116 dados em análise, apenas em 2,63% a expressão *sei lá* não foi margeada por qualquer pausa. As pausas marginais tiveram índices equilibrados: são 18,42% de ocorrências de pausa antes da expressão e 16,67% em momento posterior. De resto, na maioria dos dados, perfazendo o índice de 62,28%, *sei lá* é intercalado por pausa.

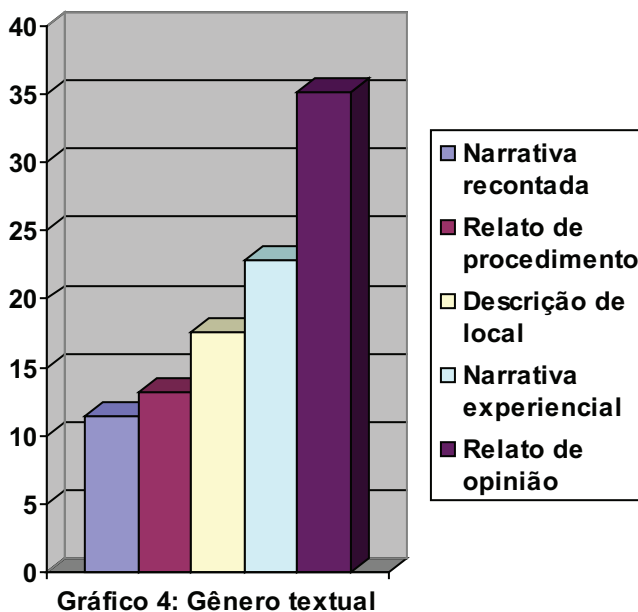
Se relacionarmos esses índices ao predomínio da função de marcação discursiva, associada à tendência de ordenação medial da expressão, então os percentuais aqui apresentados estão coerentes e revelam-se complementares. Assim, esses resultados permitem postular o mais avançado estágio de gramaticalização da função discursiva de *sei lá*, que passa a cumprir papel pragmático, desvinculado do nível morfossintático. Retomemos o fragmento (6) como ilustração do comentário:

(6) *botaram o cara no mundo ... o cara nasceu ... aí quando ta/ quando ele fez vinte e ... sei lá quantos anos ... vinte e cinco anos ... sei lá ... vinte e seis ... é vinte e seis anos ... uma coisa assim ... ele tava com a mulher ... três filhos ... um filho ... ele ficou só com a roupa do corpo e na miséria ... ficou pedindo esmolas.*

Nas duas ocorrências da função de marcação destacadas em (6), é possível traçar um *cline* entre ambas, de modo a propor que a segunda ocorrência, margeada por pausa, é ainda mais avançada na escala de gramaticalização do que a primeira. Um dos argumentos para tal proposição é justamente o maior *descolamento* da segunda ocorrência, uma vez que a primeira, com a justaposição de *quantos anos*, encontra-se mais integrada, na formação de expressão maior – *sei lá quantos anos*.

A menor incidência de pausa se verifica na articulação da função modalizadora, como em (7). Nesse fragmento, *sei lá o que tinha na mão* é antecedido por pausa, ratificando o papel conectivo já referido de *sei lá* em contextos como esse.

Acerca dos fatores pragmáticos investigados, destacamos três deles: o tipo de texto, a sequência tipológica em que insere *sei lá* e o nível de escolarização dos emissores. Em relação ao primeiro fator, orientamo-nos pelos tipos de depoimento solicitados para a produção de todos os estudantes do *Corpus D&G*. O Gráfico 4 apresenta os índices obtidos:



Como podemos observar, dos cinco tipos de texto levantados, a frequência de uso de *sei lá* tem estreita relação com o nível de subjetividade que perpassa e caracteriza esses materiais. Os 116 dados distribuem-se progressivamente, segundo a escala da menor para a maior frequência no uso de *sei lá*: 11,4% em narrativas recontadas; 13,16% em relatos de procedimento; 17,54% em descrições de local; 22,81 em narrativas experienciais e 35,09% em relatos de opinião.

Se considerarmos que ambientes discursivos em que preponderam estratégias de maior subjetividade favorecem o uso de *sei lá*, tanto como modalizador quanto como marcador, então a distribuição ilustrada no Gráfico 4 ratifica a atuação de inferências sugeridas, como propõem Traugott e Dasher (2005), no âmbito metonímico. Assim posto, podemos considerar que narrativas recontadas, em que o emissor narra algo que não viveu ou presenciou, e relatos de procedimento virtual são contextos discursivos menos favorecedores de estratégias

de subjetivização, uma vez que recorrem mais a sentidos concretos e referenciais. Por sua vez, e nessa ordem, descrições de local preferido, relatos de experiência vivida e de opinião têm maior apelo à dimensão subjetiva, na expressão de conteúdos menos referenciais, no nível da avaliação, dos juízos de valor, das convicções, entre outros. Portanto, a maior incidência de *sei lá*, nesse segundo grupo de tipos textuais, tem estreita relação com a deflagração de estratégias de subjetivização e de intersubjetivização propulsoras da mudança linguística por que passa nosso objeto de pesquisa.

A seguir, apresentamos dados ilustrativos do comentado, com base nos dois tipos de texto com maior ocorrência de *sei lá*:

(8) *ai eu fui... fui pro Rio... eu estava assim... na época... eu estava lendo muito Jorge Ama::do... eu estava a fim de::... sei lá... eu andava com umas ideias meio ripongas na cabeça... eu queria ir pra Ilhéus... né? ficava encantado...*

(9) *you não sabe quem está dizendo o quê... imagina uma pessoa que não tem informação nenhuma... sabe? sei lá... a empregada da minha casa... pô... parlamentarismo... presidencialismo...*

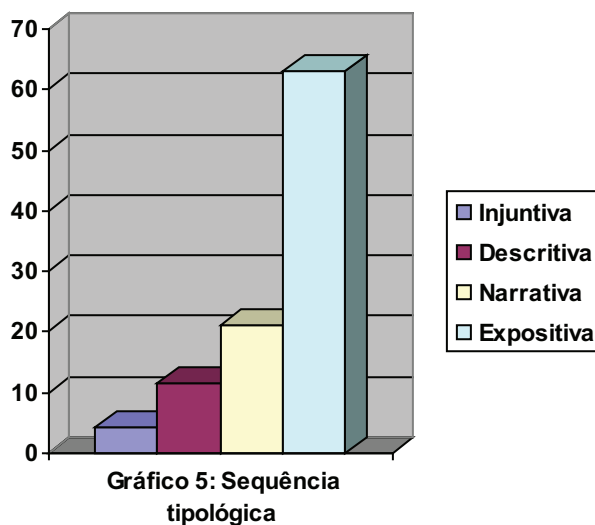
Em (8), ao narrar a própria história, o emissor hesita ao caracterizar seu estado de espírito; concorre para essa hesitação e subjetividade o uso de *sei lá*, que, junto a outros recursos, como reformulação, alongamento e paráfrase, confere a marca da indefinição e do subjetivismo ao texto de forma geral. Em (9), discorrendo sobre os modos de governo parlamentarista e presidencialista, o emissor sugere como exemplo hipotético de *uma pessoa que não tem informação nenhuma* a empregada da sua casa. Em ambos os fragmentos, o uso de *sei lá* articula informação pragmática, ancorada no contexto maior e inferível somente pela consideração do contexto referido. Nos dois fragmentos, o emissor *convida* seu interlocutor a partilhar os sentidos assim articulados.

No fragmento (3), tratado em outra seção deste artigo, exemplifica-se a atuação das pressões referidas numa descrição de local. Retomemos o fragmento:

(3) *pra falar a verdade... o lugar que eu mais gosto de ficar é o banheiro da minha casa... ((riso de E)) é... olha... quando você está... sei lá... quando eu estou triste assim... eu vou pro banheiro... fecho a porta... é o único lugar que tem chave... então... bom... o banheiro é pequeno... é estreito...*

Ao observar que a indicação do banheiro como espaço preferido de sua casa provoca risos no entrevistador, o emissor procura justificar por que fez tal escolha. Para tanto, vale-se de uma série de recursos que destacam a subjetividade dessa indicação; a expressão *sei lá* funciona como um desses recursos de marcação subjetiva.

Outro fator pesquisado, e que deve ser tratado como complementar ao tipo de texto, é a sequência tipológica, nos termos de Marcuschi (2002), em que se insere *sei lá*. Por intermédio desse parâmetro, é possível verificarmos os ambientes linguísticos mais específicos de uso dessa expressão, tal como ilustramos no Gráfico 5:



Das quatro sequências em que se distribuem os 116 dados em análise, a maior incidência é de fragmentos expositivos, com 63,16% dos dados, seguidos, com frequência bem menor, dos narrativos, com 21,05%; dos descritivos, com 11,4%, e dos injuntivos, com somente 4,39% dos registros. Tais índices ratificam a importância dos contextos mais subjetivos como motivadores da ocorrência da expressão gramaticalizada *sei lá*. Nas sequências expositivas, mais comuns em relatos de opinião, o emissor expõe seus pontos de vista, argumentos,

suas crenças, entre outros, lançando mão também de *sei lá* para essa articulação mais subjetiva. As sequências narrativas articuladas pela expressão em análise surgem justamente nos relatos experienciais, o segundo tipo de texto com maior índice da expressão, conforme observamos no Gráfico 4. Já as sequências descritivas também têm estreita relação com a frequência de *sei lá* nos textos de descrição de local preferido, enquanto as sequências injuntivas, aquelas que se voltam para o apelo ou chamada ao interlocutor, são as menos recorrentes.

O baixo índice de articulação injuntiva de *sei lá* pode ser interpretado pela natureza dos constituintes internos à expressão, uma vez que a forma verbal *sei* se encontra na primeira pessoa e é determinada ou central em relação ao locativo *lá*. Assim configurada, a expressão tem orientação para o emissor, voltada muito mais para a expressão subjetiva do que intersubjetiva. Por conta dessa condição, *sei lá* é usado preferencialmente nos contextos em que emergem as convicções e os propósitos do emissor, daquele que representa a primeira pessoa do discurso. Assim, em qualquer dos quatro tipos de sequência articulados por *sei lá*, está presente a marca da pessoalidade, como em:

(9) *I: mas ( ) continua falando?*

*E: se você quiser ((riso))*

*I: sei lá... falar mais o quê? não sei...*

(10) *eu gosto de ficar muito na/ quando eu vou pra casa da minha avó... na varanda dela... principalmente no verão... ali:... sei lá... é um lugar gostoso... tem plantas... dá um...:/ uma (expressão) de paz... é... bem arejada... sabe?*

(11) *eu pensei que eles fossem ficar ali... quando eu virei pra trás... que eu fui procurar eles... para... me entrosar no assunto... eles tinham sumido... conclusão... a música já estava acabando... e eu tive que... que... sei lá... tive que... ver sozinho como é que fazia as coisas...*

(12) *têm coisas que me agrada... por exemplo... eu como sou jovem... né? eu gostaria assim de... sei lá... até agora no momento não encontrei uma... uma religião que/ às vezes você quer uma coisa que você possa fazer... coisas... do mundo e que possa lá...*

Nos quatro fragmentos ilustrados acima, exemplificadores respectivamente de sequências injuntiva (9), descritiva (10), narrativa (11) e expositiva (12), prevalecem articulações voltadas para a primeira



pessoa do discurso, na expressão da subjetividade do emissor. Seja conversando com o entrevistador, quando informa não saber mais o que falar, como em (9), ou na descrição da casa da avó como um *lugar gostoso* (10), ou ainda no relato de uma situação pessoal e meio embaraçosa (11) e no comentário acerca da indefinição pelo caminho religioso a seguir (12), destaca-se a marca opinativa e pessoal desses quatro fragmentos. Os sentidos articulados por *sei lá* nessas sequências só podem ser apreendidos e negociados se levadas em conta as condições pragmático-discursivas em que ocorrem esses fragmentos. Trata-se da prevalência das relações metonímicas para a deflagração dos sentidos metafóricamente motivados.

Por fim, apresentamos o último fator pesquisado, atinente à escolaridade dos emissores. Com esse parâmetro, observamos se a incidência maior no uso da expressão gramaticalizada *sei lá* tem relação com o nível acadêmico ou com a faixa etária dos alunos pesquisados, conforme se encontra no Gráfico 6:

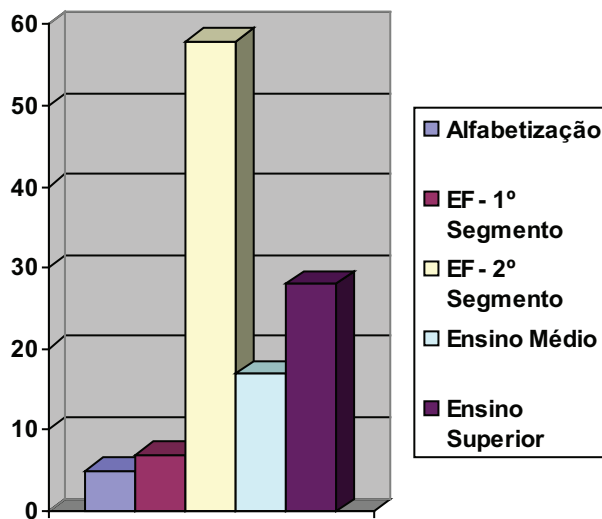


Gráfico 6: Escolaridade

Os resultados apontados no Gráfico 6 demonstram que a maior concentração dos 116 usos de *sei lá* ocorre entre os jovens do segundo segmento do Ensino Fundamental, com o registro de 58 ocorrências, o que representa a metade de todos os dados em análise. A seguir, com 29 dados, estão os usos de estudantes universitários. O terceiro grupo com mais frequência de utilização da expressão *sei lá* é o dos alunos do Ensino Médio, com 17 dados. Após, surgem os estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental, com 7 ocorrências, e os alunos de Classe de Alfabetização, com 5 dados (três de adultos e dois de crianças).

Se levarmos em conta a distribuição de textos entre as cinco faixas contempladas no Gráfico 6, então, de fato, podemos considerar que jovens e adultos usam mais frequentemente a expressão *sei lá*. Os emissores dos três níveis de maior escolarização concentram praticamente todos os 116 dados da expressão, restando apenas 12 registros para nove crianças e três adultos de Classes de Alfabetização. De todo modo, esse resultado merece cuidado e testagem posterior, uma vez que a produção linguística das crianças é menor que a dos jovens e adultos (elas falam e escrevem menos no *corpus* pesquisado) e, comparativamente, foram entrevistadas menos crianças do que adultos em termos gerais.

De todo modo, com o resultado obtido aqui, podemos relacionar essa tendência de uso por faixa de escolaridade aos dois padrões funcionais de *sei lá* – o de modalizador e o de marcador. Assim, é possível considerar que usuários mais experientes e com maior domínio de recursos linguísticos de articulação de opinião sejam mais propensos à utilização dessa expressão. Como vimos até agora, há contextos favorecedores da articulação de *sei lá*, como os relatos de opinião e as sequências expositivas, por exemplo. Trata-se de ambientes que lidam com objetos abstratos e polissêmicos, como juízos de valores, crenças, desejos, entre outros, e que requerem, assim, o manejo de referências mais complexas.

Por outro lado, do conjunto de faixas de escolaridade, a que registra maior frequência de uso de *sei lá* não é mais alta, como tenderíamos a supor inicialmente. São os alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, entre os 13 e os 16 anos em geral, que mais utilizam a expressão. Para darmos conta dessa situação, uma alternativa

relevante é considerarmos o grau de informalidade de que se reveste a expressão em análise. Assim, parece plausível a consideração de que adolescentes, como os do segundo segmento do Ensino Fundamental, sejam mais informais em sua expressão verbal do que estudantes do Ensino Médio ou Superior.

Outra possibilidade interpretativa para esse índice maior de uso de *sei lá* pode ser relacionada aos temas sugeridos pelos entrevistadores para os relatos de opinião. Enquanto universitários falavam sobre o país, a economia e o sistema de governo e alunos do Ensino Médio tratavam de religião, casamento, preconceito, entre outros temas, os estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental opinavam acerca da família, do colégio e de relações afetivas, questões mais próximas de sua realidade, portanto, talvez mais propensas ao uso de expressões mais informais ou coloquiais. De todo modo, trata-se de resultado que merece ser pesquisado a partir de número maior de dados e de contextos distintos de uso.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa dos padrões funcionais de *sei lá*, na perspectiva da gramaticalização de construções, mostrou-se produtiva e comprovou nossas hipóteses iniciais. De fato, a expressão assim formada atua como um todo, na articulação de dois sentidos cumpridores de funções gramaticais – o de modalização e o de marcação discursiva, este em escala mais avançada na trajetória unidirecional.

O levantamento, a classificação e a análise dos 116 usos de *sei lá* no *Corpus D&G*, com base nos seis fatores investigados, permitiu-nos chegar aos seguintes resultados gerais: a) a expressão é mais corrente na função de marcação discursiva, que se organiza em subfunções, como a de hesitação e a de final de enumeração; b) *sei lá* tende a se ordenar no interior da cláusula em que ocorre, via de regra margeado por pausa, o que ratifica também a maior frequência da função de marcação nos dados; c) em termos pragmático-discursivos, *sei lá* ocorre preferencialmente em gêneros de maior cunho subjetivo, como relatos de opinião e narrativas de experiência pessoal, o que se coaduna ainda com a maior tendência de a expressão ser usada em sequências

expositivas e narrativas; d) no que concerne à faixa etária e escolaridade, emissores adolescentes, estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental, ao tecer comentários sobre a família, a escola e relações afetivas, tendem a usar mais a expressão.

USAGE PATTERNS OF EXPRESSION *SEI LÁ* IN PORTUGUESE

#### ABSTRACT

Based on the perspective of grammaticalization of constructions (TRAUGOTT, 2008; NOËL, 2007), this article deals with the usage patterns of the expression *sei lá* in spoken texts recorded by Brazilian students as a modalizer and as a discourse marker. From the application of six factors to the research data, it can be seen that the modalizer function is located in a less advanced grammaticalization cline compared to the marker function, and it is possible to determine which metonymic factors, at the internal level of expression and in the larger contexts of its occurrence (genre and typological sequence), motivate the functional patterns that articulate *sei lá*.

KEY WORDS: *Sei lá*, grammaticalization, construction, morphosyntax, functionalism.

---

#### NOTAS

- 1 O Grupo de Pesquisa *Gramaticalização de construções*, cadastrado no CNPq, reúne uma série de pesquisadores dedicados a essa interface mais recente dos estudos funcionalistas no Brasil.
- 2 Trata-se do projeto *Pronomes locativos em construções nominais e verbais do português contemporâneo: ordenação, polissemia e gramaticalização*, apoiado pelo CNPq e desenvolvido na sede UFF do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*.
- 3 Disponível em: [www.discursoegramatica.letras.ufrj.br](http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br); neste endereço, encontram-se outras informações relevantes acerca do *corpus*.
- 4 A granularidade é termo oriundo da Inteligência Artificial, de acordo com Batoréo (2000, p. 439), que *define as diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos*. Segundo esse entendimento, os locativos podem ser distribuídos pelos dois subsistemas de granularidade – vasta ou fina/estreita. No português do Brasil, do primeiro subsistema, é usado regularmente *lá*, que traz a marca da imprecisão e da indefinição situacional; assim, sua

polissemia e conseqüente gramaticalização em expressões como *quero lá, vá lá ou sei lá* podem ser interpretadas como resultado da vasta granularidade que lhe é característica.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Milena Torres. *Padrões funcionais no uso dos pronomes locativos: uma abordagem construcional*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BYBEE, Joan et al. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard (Eds.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003. p. 602-623.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, William. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, Adelle. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adelle. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HASPELMATH, Martin. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In: FISCHER, Olga et al. (Org.). *Up and down the cline – the nature of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 17-44.

HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. *The changing languages of Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LEHMANN, Christian. Grammatikalisierung und lexikalisierung. *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, v. 42. p. 11-19, 1989.

- LEHMANN, Christian. New reflections on grammaticalization and lexicalization. *Wischer and Diewald*, Eds, 2002. p. 1-18.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- NOËL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language*, n. 14, v. 2, p. 177-202, 2007.
- ROCHA, Rossana Alves. *As construções “daqui vem” e “daí vem” no português contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *Padrões de uso de “vá lá” e “vamos lá” na norma brasileira do português: microconstruções e gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado & OLIVEIRA, Mariangela Rios. Gramaticalização das construções *vá lá* e *vamos lá*. *Todas as letras*, v. 12, n. 1, p. 70-79, 2010.
- TRAUOGOTT, Elizabeth-Closs & DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUOGOTT, Elizabeth-Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine et al. (Eds.). *Variation, Selection, Development-- Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.